

# Machado de Assis e Edgar Allan Poe: dois escritores da modernidade

GREICY PINTO BELLIN

*Doutoranda em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Paraná. Bolsista filiada ao projeto CAPES-REUNI. Mestre em literatura norte-americana pela mesma instituição.  
e-mail: grebellin@yahoo.com.br*

---

**Resumo:** a partir da leitura dos contos “O homem das multidões”, de Edgar Allan Poe, e “Só!”, de Machado de Assis, é possível depreender a tematização de aspectos relacionados ao advento da modernidade, tais como a representação da cidade moderna e o dilaceramento experimentado pelo homem moderno em relação ao seu novo lugar no mundo. O objetivo do artigo é realizar uma análise comparativa entre as duas narrativas, percebendo-as como construtos ficcionais que mimetizam as tensões vividas pelos sujeitos diante das transformações trazidas pela modernidade e pelos problemas que ela suscita.

**Palavras-chave:** modernidade; cidade moderna; homem moderno.

**Abstract:** By reading the short-stories “The man of the crowd”, by Edgar Allan Poe, and “Só!”, by Machado de Assis, it is possible to notice certain themes that are related to the development of modernity, such as the representation of the modern city as well as the tensions experienced by the modern man in relation to his new place in the world. This article’s aim is to make a comparative analysis between these two narratives, seeing them as fictional constructs that reflect the conflicts which are brought about by modernity and its problems.

**Keywords:** modernity; modern city; modern man.

---

O objetivo do presente artigo é fazer uma análise comparativa entre os contos “O homem das multidões” (1840), de Edgar Allan Poe, e “Só!” (1885), de Machado de Assis, sob o enfoque de aspectos relativos ao advento da modernidade, tais como a representação da cidade moderna e as tensões experimentadas pelo homem moderno diante das transformações que se operam no século XIX. Neste sentido, a análise dos textos literários se pautará por questões que dizem respeito ao contexto histórico no qual foram produzidos, sem perder de vista as especificidades de tais contextos.

Marshall Berman define a modernidade como uma experiência vital compartilhada por homens e mulheres no mundo todo. O autor divide a modernidade em três fases: a primeira, que vai do século XVI até o fim do século XVIII, a segunda, que começa com a Revolução Francesa em 1789, e a terceira, que compreende o século XX. É a segunda fase que nos interessa para o desenvolvimento do presente artigo, uma etapa que “desencadeia explosivas convulsões em todos os níveis da vida pessoal, social e política” (BERMAN, 1982, p. 16). É neste contexto que parecem se situar as narrativas de Poe e de Machado, que trazem em seu bojo temáticas relacionadas à vida nas cidades em rápida transformação, assim como os conflitos experimentados pelo homem moderno diante da vida entre as multidões e a necessidade de ficar só. Para Berman,

ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. A experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia: neste sentido, pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana. Porém, é uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão permanente de desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambiguidade e angústia. Ser moderno é fazer parte de um universo no qual, como diz Marx, “tudo o que é sólido desmancha no ar” (BERMAN, 1982, p. 15).

Ao afirmar que a modernidade anula todas as fronteiras geográficas, o autor peca pela generalização, pois desconsidera a especificidade dos contextos onde ela ocorre. Tal aspecto, conforme já explicitado, não pode ser ignorado em nossa análise dos contos de Poe e de Machado. De acordo com Nicolau Sevcenko, a entrada do Brasil na modernidade marca um momento de crise histórica, que culmina com a libertação dos escravos em 1888, e a proclamação da república brasileira em 1889. Trata-se de um contexto marcado pelo afluxo de capital externo, pela imigração em massa, pela intensa industrialização e pela formação do mercado de trabalho (SEVCENKO, 2003, p. 23). O Rio de Janeiro se torna o maior centro político e populacional do país, passando por um processo de remodelação, no qual os casarões coloniais são demolidos para dar lugar a uma nova configuração do espaço público. O saneamento e a higienização da cidade parecem atender às demandas da modernização, que começam a se efetivar na instalação de bicos iluminadores a gás nas ruas da cidade e no surgimento dos bondes elétricos. Machado de Assis, tendo produzido grande parte de sua obra em fins do século XIX, assistiu de perto a todas estas mudanças. O aparecimento dos bondes é retratado em várias de suas crônicas, a saber: “Como comportar-se no bonde”, de 1883, “Bondes elétricos”, de 1892, “Progresso”, de 1877, e “Meditações no bonde”, de 1889 (ASSIS, 1994). Além disso, na obra machadiana o Rio de Janeiro é praticamente um personagem, uma vez que não só as crônicas como também os contos e romances estão cheios de referências a detalhes concretos da cidade, tais como ruas, becos, praias, igrejas, teatros e lojas. No conto “Só!”, temos a menção à Rua do Ouvidor como o espaço urbano no qual o personagem Bonifácio se sente mais à vontade, em seu afã de ver-se integrado na multidão. Tal sentimento pode ser também observado na narrativa de Poe, em que o homem das multidões não consegue ficar só, despertando a curiosidade e, ao mesmo tempo, a ira e o tédio do narrador em primeira pessoa. Na visão de Sevcenko, a produção literária moderna se relaciona ao ritmo e ao sentido das transformações históricas, e “deve traduzir no seu âmago mais um anseio de mudança do que os mecanismos de permanência” (SEVCENKO, 2003, p. 26). Nos contos que iremos analisar, observa-se uma problematização em relação ao lugar do indivíduo moderno na sociedade em rápida transformação, o que parece confirmar a vocação da literatura moderna em retratar as mudanças do tempo histórico.

No Brasil, conforme vimos, a modernidade começa a se instalar em fins do século XIX. Nesta época, os Estados Unidos já se encontravam bastante adiantados no processo de modernização, pois tinham conseguido se equiparar, em tempo recorde, ao nível tecnológico de potências europeias como Londres e Paris. Na visão de Sílvia Maria Azevedo, a nação norte-americana tornara-se um modelo a ser seguido pelo Brasil, que dava os primeiros passos rumo à modernidade. Tal atitude se justifica pelo fato de que

os Estados Unidos eram exemplo de grandes conquistas: a libertação dos escravos, a

igualdade de direitos, o regime democrático, a instrução pública, a publicação de livros, o desenvolvimento da indústria, o incentivo às ciências [...] (AZEVEDO, 2010, p. 22).

A autora discorre sobre a Exposição Universal de Filadélfia, realizada em Nova York em 1876, e que contou com a presença do imperador Dom Pedro II, desejoso de estabelecer alianças entre “o Novo Mundo e a Europa” (AZEVEDO, 2010, p. 20). Na época, a revista *Ilustração Brasileira* publicou uma reportagem sobre a exposição, dando destaque ao Brasil como um país que ingressava no rol das nações civilizadas. De fato, a exposição permitiu a aproximação entre os dois países, uma vez que ambos eram de independência recente e estavam caminhando rumo ao progresso e à modernização.

Neste sentido, uma pergunta pode ser colocada: qual a relação deste contexto com as narrativas que pretendemos analisar? Machado de Assis, como figura relevante da intelectualidade brasileira da época, parecia estar atento a esses desdobramentos, indo buscar na obra de Poe, um autor norte-americano, inspiração para sua própria criação. É importante sublinhar que Machado traduziu “O corvo” para o português, ajudando a popularizar os escritos de Poe em nosso país. Também não podemos deixar de ignorar o fato de que, para Machado, o escritor romântico foi uma inegável influência no que diz respeito ao uso do conto como forma de expressão artística, gênero este que será largamente utilizado pelo próprio Machado, que produziu mais de 200 contos ao longo de sua carreira literária.

Também é relevante salientar que tanto a representação da cidade moderna quanto a caracterização do homem moderno não são invenções de Poe e de Machado; pelo contrário: são motes frequentes da literatura europeia do século XIX. O escritor russo Nikolai Gogol, em seu conto “Avenida Nevski”, de 1834, constrói uma representação trágica da metrópole moderna, que aparece associada ao crime e à degradação. (GOGOL, 2007). Charles Baudelaire, em *Quadros Parisienses*, tematiza a Paris do século XIX: sua remodelação levada a cabo pelo Barão de Haussmann, no poema “O cisne”, e a efemeridade e transitoriedade da vida nas grandes cidades, no poema “A uma passante” (BAUDELAIRE, 2006). Em “O homem das multidões”, a cidade representada é Londres, uma das mais industrializadas do mundo naquela época, contando com mais de um milhão e meio de habitantes no ano de 1831. “Só!” se passa no Rio de Janeiro, capital cosmopolita do império brasileiro. Desta forma, podemos perceber, tanto em Poe quanto em Machado, a preocupação em retratar o espaço urbano, percebido de forma deslumbrada e ao mesmo tempo, disfórica.

O primeiro aspecto que nos propomos analisar nos dois contos em questão é o foco narrativo. O conto de Poe é narrado em primeira pessoa por um homem que se encontra em estado de convalescença, e que observa a multidão da janela de um café londrino. Como sabemos, o narrador em primeira pessoa relata os fatos à sua maneira, sem qualquer neutralidade, de forma que a narrativa é norteadada por suas impressões subjetivas. Portanto, é um narrador considerado pouco confiável, uma vez que narra unicamente de seu ponto de vista. Em “O homem das multidões”, a falta de neutralidade é ainda mais acentuada, uma vez que o narrador diz encontrar-se “em uma daquelas felizes disposições que são tão precisamente o contrário do tédio” (POE, 2001, p. 392). Assim, temos um narrador extremamente propício à investigação, que oscila entre a leitura de anúncios do jornal e a observação da turba, o que mostra a tensão entre o espaço público e o espaço privado, algo que também iremos perceber no conto de Machado.

“Só!” é narrado em terceira pessoa por um narrador que nos conta a história de

Bonifácio, um *bon vivant* que resolve, por influência do filósofo Tobias, passar duas semanas isolado em uma chácara afastada do Rio de Janeiro. Tal narrador apresenta mais neutralidade ao narrar, podendo inclusive penetrar na mente dos personagens para conhecer seus pensamentos. Esta é a atitude do narrador machadiano, que relata toda a angústia de Bonifácio ao experimentar a solidão na chácara. É relevante sublinhar que, logo no segundo parágrafo da narrativa, Poe e “O homem das multidões” são citados pelo narrador:

Um grande escritor, Edgar Poe, relata, em um de seus admiráveis contos, a corrida de um desconhecido pelas ruas de Londres, à medida que se despovoam, com o visível intento de nunca ficar só. “Esse homem, conclui ele, é o tipo e o gênio do crime profundo: é o homem das multidões”. Bonifácio não era capaz de crimes, nem ia agora atrás de lugares povoados, tanto que vinha recolher-se a uma casa vazia (ASSIS, 1994, p. 1029).

A referência a Poe estabelece um jogo intertextual irônico, uma vez que, ao afirmar que Bonifácio não é igual ao homem das multidões, o narrador está implicitamente sugerindo que ambos compartilham uma característica: não conseguem ficar sozinhos. Obviamente há uma diferença entre os dois, pois enquanto o personagem de Poe vaga sem destino pelas ruas de Londres, procurando sempre a multidão, o personagem machadiano resolve se isolar. No entanto, ambos enfrentam o mesmo drama, que parece sintetizar a condição ambígua do homem moderno: viver no meio da multidão ou recolher-se ao isolamento. Neste sentido, é importante salientar que o advento da modernidade traz consigo novas formas de sociabilidade, o que tem como resultado a alienação e/ou individualização do sujeito. Desta maneira, o homem moderno parece ter duas opções: imiscuir-se na turba ou viver na solidão. Os personagens aqui analisados enfrentarão este conflito de formas diferenciadas, mas que mimetizam ficcionalmente o dilaceramento do ser humano frente às transformações trazidas pela modernização.

No que diz respeito à caracterização do sujeito da modernidade, podemos afirmar que o narrador do conto de Poe é uma espécie de *flâneur*, isto é, uma pessoa que, com um prazer próprio do *voyeur*, se deleita com a observação refletida e minuciosa dos habitantes citadinos e suas atividades diárias. Para Walter Benjamin, a cidade é o verdadeiro templo do *flâneur*, espaço por excelência de suas perambulações, na qual ele se depara com a contradição de se sentir só em meio à multidão (BENJAMIN, 1994, p. 191). A partir da leitura do conto, percebemos que o narrador de Poe sente grande prazer em contemplar os sujeitos que passam pela rua, realizando um exame minucioso no qual classifica os passantes de acordo com gênero, idade, classe social e profissão: escreventes, batedores de carteira, jogadores profissionais, revendedores judeus, inválidos, moças humildes, prostitutas, boêmios, vendedores, operários, enfim, toda a sorte de pessoas que se pode encontrar em uma metrópole como Londres. Percebe-se, nesta parte da narrativa, um interesse em retratar a cidade moderna como algo mutável e polivalente, um ambiente no qual circulam pessoas das mais variadas etnias, nacionalidades e formação profissional. O narrador de Machado, por sua vez, também observa, comenta e relata minuciosamente a rotina de Bonifácio na chácara, bem como os motivos que o levaram a se isolar. Sendo assim, o narrador machadiano é também um *flâneur*, em leitor da cidade e de seus habitantes, por meio dos quais tenta decifrar os sentidos da vida cosmopolita.

Quando anoitece, o narrador de Poe identifica, em meio à multidão, “um velho decrépito, de uns sessenta e cinco ou setenta anos de idade, uma fisionomia que imediatamente deteve e absorveu toda a minha atenção, por causa da peculiaridade absoluta de sua expressão” (POE, 2001, p. 391). A figura do velho frustra a índole detetivesca do narrador, que, curioso por não conseguir decifrar o significado daquela expressão, resolve entrar na turba para persegui-lo. Percebemos, assim, que a deambulação noturna se instala com base na dúvida nutrida pelo narrador em relação ao misterioso personagem, dúvida esta sintetizada pela citação alemã que abre a narrativa: *er lässt sich nicht lesen*, isto é, “aquele que não se deixa ler”. Este é justamente o homem das multidões, representação do sujeito moderno por excelência, assim como Bonifácio, que não cria uma aura de mistério ao seu redor, mas sofre com o dilema de não conseguir viver sozinho.

A perseguição noturna pelas ruas de Londres tem, no conto de Machado, um equivalente: a inquietação de Bonifácio dentro de casa. O narrador nos relata tudo aquilo que o personagem faz para conseguir se distrair: lê livros, tenta jogar cartas, toma champanhe, tudo isto ao som de uma chuva torrencial, que aumenta ainda mais sua agitação. O filósofo Tobias lhe dissera que não havia nada melhor do que viver no isolamento, e que a melhor companhia para usufruir a solidão eram as ideias:

Trago um certo número de ideias; e, logo que fico só, divirto-me em conversar com elas. Algumas já vêm grávidas de outras, e dão à luz a cinco, dez, vinte, e todo esse povo salta, brinca, desce, sobe, às vezes lutam umas com as outras, ferem-se e algumas morrem; e quando dou acordo de mim, lá se foram muitas semanas (ASSIS, 1994, p. 1030).

Percebe-se, a partir da leitura do trecho acima, a associação entre o isolamento e a capacidade de reflexão e ruminação intelectual. Entretanto, Bonifácio parece não entender a deixa do filósofo, uma vez que não se isola para pensar, e sim para descansar do convívio social. Mais uma vez, temos a tensão entre o espaço público e o privado, criadora de um conflito que persegue o protagonista durante toda a narrativa. Bonifácio começa a se recordar de suas andanças pela cidade, de suas amizades e de seu amor por Carlota, e sua agitação cresce até que resolve deixar o refúgio. Assim, reitera-se a ironia do jogo textual machadiano, uma vez que Bonifácio, sendo um *bon vivant*, está longe de ser igual ao homem das multidões, mas padece do mesmo mal que ele.

No conto de Poe, temos a caracterização de Londres como metrópole urbana, bem como dos problemas sociais advindos de seu crescimento, conforme observamos no trecho a seguir:

Era o mais asqueroso quarteirão de Londres, onde todas as coisas apresentavam as piores marcas da mais deplorável miséria e do mais desenfreado crime. À luz nublada de um lampião perdido, cortiços de madeira, comidos de cupim, altos, antigos, viam-se prestes a ruir, em tantas e tão caprichosas direções que dificilmente se distinguia uma aparência de passagem entre eles. As pedras do calçamento estavam espalhadas, arrancadas de seus leitos pelo capim luxuriante. Horrível sujeira ulcerava as sarjetas entupidas. A atmosfera inteira transbordava de desolação. Contudo, enquanto avançávamos, os rumores da vida humana se foram gradativamente reavivando e por fim, grandes bandos da gentilha mais miserável de Londres eram vistos aos ziguezagues, para lá e para cá. A energia do velho de novo bruxuleou, como uma lâmpada prestes a extinguir-se. Mais uma vez caminhou a passos largos e elásticos para a frente. De repente, dobrou numa esquina: um clarão forte

irrompeu à nossa vista e ficamos diante de um dos mais imensos templos suburbanos da Intemperança, um dos palácios do demônio Álcool (POE, 2001, p. 399).

Ao ler o presente trecho, percebemos uma preocupação de ordem social, que denuncia as mazelas da grande cidade e de seus habitantes, com especial ênfase nos des-caminhos que a bebida alcoólica, concebida como algo demoníaco, pode provocar nos seres humanos. Neste sentido, Poe revela possuir uma concepção trágica das consequências advindas do surgimento da modernidade, uma vez que a cidade industrializada se converte em um antro de perdição. Portanto, temos uma concepção ambígua da metrópole moderna, percebida como algo fascinante e ao mesmo tempo, destruidor.

Tal concepção não está presente no conto de Machado, dando lugar à ironia e à sutileza de um narrador que nos apresenta Bonifácio como um sujeito em total harmonia com a multidão, que se sente feliz ao voltar a frequentar a Rua do Ouvidor. Tal harmonia, contudo, é desarticulada pela angústia do personagem quando este se depara com a solidão, evidenciando que ele gosta de viver em sociedade para escapar de seus problemas. A visão crítica machadiana se encontra sintetizada na figura de Tobias, que denuncia a falta de capacidade reflexiva não só de Bonifácio como do próprio homem moderno, que não sabe como lidar com as transformações sociais e com suas próprias angústias existenciais. Ao construir esta narrativa, Machado demonstra estar atento a estes dilemas, lançando mão da ironia para representá-la. Poe também demonstra estar em sintonia com seu tempo, apresentando, todavia, uma visão mais contundente e trágica da vida moderna, expressa no homem que vaga freneticamente pelas ruas a procura da multidão.

Ambos os contos analisados apresentam estrutura circular. Um tédio mortal toma conta do narrador de Poe no segundo dia de perseguição ao velho, de modo que ele conclui:

Este velho – disse eu por fim – é o tipo e o gênio do crime profundo. Recusa estar só. É o *homem das multidões*. Seria vão segui-lo, pois nada mais saberei dele, nem de seus atos. O pior coração do mundo é um livro mais espesso do que o Hortulus Animae, e talvez seja apenas uma das grandes misericórdias de Deus o fato de que *er lässt sich nicht lesen*. (POE, 2001, p. 400).

O caráter circular é conferido pela citação alemã, que remete ao mistério que ronda a cidade moderna. O conto de Poe termina com a conclusão do narrador a respeito da personalidade do velho, justificando sua incapacidade de decifrar o misterioso homem das multidões. O conto de Machado também se encerra da mesma forma que se iniciou: com uma conversa entre Bonifácio e Tobias. Ao ser questionado sobre o isolamento, Bonifácio revela que não conseguiu suportá-lo, ao que Tobias responde: “Quer saber? Você esqueceu-se de levar o principal da matalotagem, que são justamente as ideias” (ASSIS, 1994, p. 1033). Em resposta ao comentário do filósofo, o protagonista ri, e logo começa a falar de outro assunto. Com um final leve e bem-humorado, bem diferente do final trágico de Poe, Machado deixa no ar uma reflexão sobre a vida moderna, mostrando que o gosto pela vida em sociedade traz consigo a alienação do sujeito humano, que ou perambula sem destino pelas ruas da cidade, ou tenta, sem sucesso, fugir dela.

Charles Baudelaire, em “O pintor da vida moderna”, afirma que o artista moder-

no deve ser capaz de representar, em sua arte, a transitoriedade, a efemeridade e a contingência da vida moderna, marcada por transformações nos modos de viver, pensar, sentir e agir (BAUDELAIRE, 2006). A partir da análise dos contos de Poe e de Machado, foi possível perceber tal preocupação, ainda que engendrada de formas diferentes. Poe, ao associar a cidade moderna com a criminalidade, e ao criar a figura do homem das multidões, nos faz refletir sobre a tragicidade e, ao mesmo tempo, sobre o deleite de viver no meio da multidão. Machado, por outro lado, nos mostra de forma leve, irônica a bem-humorada o dilaceramento de um cosmopolita convicto entre estar só e viver em sociedade, denunciando a superficialidade e a falta de reflexão que podem advir de uma agitada vida nas metrópoles. Desta maneira, podemos considerar que Edgar Allan Poe e Machado de Assis foram escritores atentos a seu tempo, o que os transforma não só autores canônicos mas também em genuínos pensadores da modernidade.

### *Referências*

ASSIS, Machado de. *Crônicas Escolhidas*. São Paulo: Ática, 1994.

\_\_\_\_\_. "Só!", in: *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, v. 2.

AZEVEDO, Sílvia Maria. "A modernidade atravessa o Atlântico: imagens do progresso científico em duas revistas brasileiras do século XIX", in: \_\_\_\_; CAIRO, Luiz Roberto; PEREIRA, Mário Roberto (org.). *Arquivos revisitados da América Lusa: escritos sobre memória e representação literária*. Assis: UNESP, 2010, pp. 11-26.

BAUDELAIRE, Charles. "Quadros Parisienses", in: *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006.

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERMAN, Marshall. *Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

GOGOL, Nikolai. "Avenida Nevski'", in: *Contos de São Petersburgo*. Lisboa: Assírio e Alvim, 2007.

POE, Edgar Allan. "O homem das multidões", in: *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2001.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.